

152  
190  
477  
1011  
11  
7623  
3  
261  
7623  
9

Kawaja



PRESERVAÇÃO

# Águas em turbulência

A criação de cada Inyada  
a vastidão do Rio do Bananal,  
sua grandeza em meio à vegetação  
densa e a presença das águas

PRESERVAÇÃO

**N**a estação das chuvas, é como se o caudaloso Araguaia quisesse juntar de novo a si seu "braço menor", o Javaés, do qual se separa para formar a ilha do Bananal. Os dois se avolumam e invadem o grande tabuleiro da ilha, criando vastos alagados. Da imensidão do Bananal — a maior ilha fluvial do mundo, com cerca de 20 mil quilômetros quadrados, quase o tamanho de Sergipe ou de todo o território de Israel — boa parte

me das cercas toman o interior da ilha. O rebanho do Bananal — limitado, no inverno local, ao gado dos habitantes permanentes, posseiros e índios — multiplica-se e, nos últimos anos, seu número era calculado em cerca de 200 mil cabeças.

A invasão vem se repetindo a cada ano, sem que os pecuaristas invasores se importassem com o fato de que não tinham qualquer direito de ocupar aquele território. Desde 1959 toda a área da ilha do Bananal está reservada à preservação da natureza — em dezembro daquele ano, o presidente Juscelino Kubitschek criou o Parque Nacional do Araguaia, um dos primeiros a serem demarcados no país. Posteriormente, a área do parque foi redu-

mais difícil, transferir os habitantes não índios, que são cerca de 12 mil, desativando os vários povoados distribuídos pela ilha.

Os trabalhos começaram com o levantamento fundiário e o censo da ilha e estão nessa fase. Só com o levantamento feito será possível definir as datas para a saída do gado e dos posseiros. Na opinião de cientistas e ecologistas, a desocupação tem que ser feita logo, sob pena de que o meio ambiente da ilha acabe sendo irremediavelmente comprometido. A presença do gado já causou muitas modificações no ecossistema, diz Alberico Soares, superintendente do Ibama — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis no Estado de Tocan-



Na época da seca, retireiros e rebanhos ocupam a ilha



O vigoroso capim nativo garante fartura para o gado

fica debaixo d'água. Os animais deixam os varjões e concentram-se, numerosos, nas áreas mais altas, não inundadas. Para a população, fica difícil se locomover pela ilha e os barcos tornam-se quase a única forma de ir e vir por aquele mundo de água.

A partir de abril, no final das grandes chuvas, as boiadas começam a chegar à ilha. Vêm de fazendas próximas, de Tocantins e Mato Grosso, às vezes de muito mais longe, das grandes propriedades de criação extensiva. No Bananal, as reses encontram alimento farto, na vegetação que surge vigorosa depois que as águas baixam. O capim-canarana que resiste, nutritivo, durante todo o período da seca, faz da ilha um confinadouro natural. Uma dádiva para os pecuaristas do Centro-Oeste, que aproveitam essa riqueza enquanto os pastos de suas fazendas, deixados sem cuidados, secam e perdem força durante esse período do ano. Na seca, os barracos dos retireiros e o ara-

zida a 5 mil quilômetros quadrados, na parte ao norte da ilha, e todo o restante transformado em reserva indígena, na qual vivem, em 12 aldeias, cerca de 1.700 índios das tribos carajá e javaé.

As invasões do gado, repetidas a cada ano, fizeram com que os direitos indígenas e a proteção de um dos mais peculiares ecossistemas do país ficassem, até agora, no papel. Mas as coisas devem começar a mudar, a partir de agora. Um amplo grupo de trabalho, reunindo todos os grupos que têm interesses na ilha — índios, posseiros, pecuaristas, prefeituras dos municípios vizinhos, governos de Tocantins e do Mato Grosso, Funai e Ibama —, conseguiu pela primeira vez, no final do ano passado, chegar ao consenso de que a lei deve ser cumprida e a área do parque nacional e da reserva indígena desocupada. A idéia é afastar de vez os rebanhos que vêm aproveitar o capim-canarana na seca e a população flutuante dos retireiros. E, o que é

mais difícil, transferir os habitantes não índios, que são cerca de 12 mil, desativando os vários povoados distribuídos pela ilha. Os trabalhos começaram com o levantamento fundiário e o censo da ilha e estão nessa fase. Só com o levantamento feito será possível definir as datas para a saída do gado e dos posseiros. Na opinião de cientistas e ecologistas, a desocupação tem que ser feita logo, sob pena de que o meio ambiente da ilha acabe sendo irremediavelmente comprometido. A presença do gado já causou muitas modificações no ecossistema, diz Alberico Soares, superintendente do Ibama — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis no Estado de Tocan-

As aldeias indígenas da ilha viveram, desde os anos 60, um contato muito próximo com os "turistas", como os ja-



Os javaés da aldeia Canoanã mantêm seus ritos e brincadeiras tradicionais. A dança de aruanã é repetida a cada dia. Os homens encarnam os espíritos com vestes coloridas de palha e puxam a cantoria. As duas adolescentes seguem a dança em silêncio. Outro costume dos javaés é a brincadeira do carvão (fotos abaixo). As mulheres correm atrás dos homens para sujá-los com carvão. E todos terminam de cara pintada





Uma rústica "roça de tocos" dos javaés da aldeia Canoaná

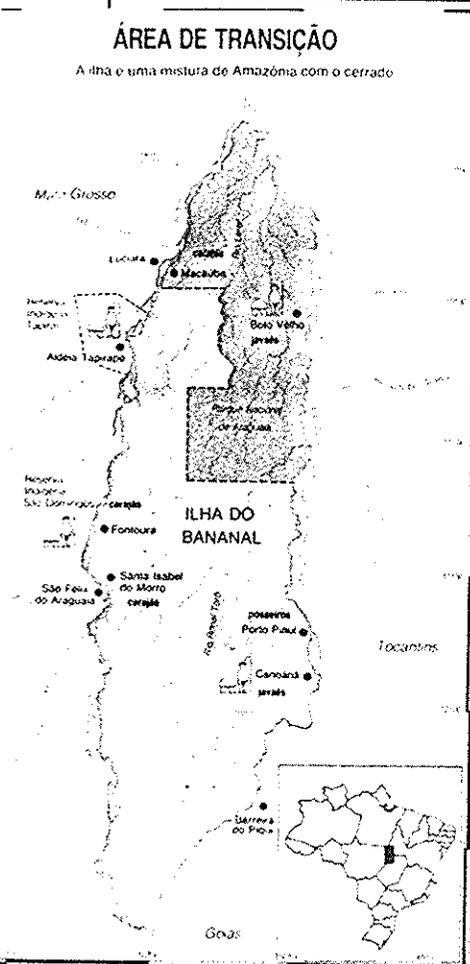


O artesanato e uma das fontes de renda dos índios carajás

atritos com os brancos por causa de cerejas e gado. Nos costumes tradicionais dos javaés, só no inverno local (quando é verão no Sul e Sudeste do país), tempo em que as águas invadem a ilha, eles permanecem mais tempo na aldeia, pescando nas lagoas próximas e dedicando-se a suas roças e seus rituais. No verão, eles se espalhavam, indo pescar nas lagoas mais distantes e nos afluentes do Araguaia. Bons pescadores, eles poderão de novo aproveitar toda a extensão da ilha para explorar os rios e lagos mais piscosos. A ideia é que eles possam comercializar em melhores condições sua produção de pescado, através de uma cooperativa — a Copesca, Cooperativa Mista Agropesqueira dos Índios Javaés Ltda., já registrada em cartório. A iniciativa de criar a Copesca foi do ex-chefe do posto da Funai na aldeia, Fernando Carlos Reis, com o objetivo de evitar que os índios continuem sendo enganados pelos comerciantes quando vão vender os pintados, jariquis, pirarucus, tucunarés e pacus que físcam nos rios e lagos internos. Para dar partida à Copesca falta só a liberação dos recursos prometidos pelo Ibama para construir na ilha as instalações de refrigeração e armazenamento de pescado.

**E** enquanto os índios podem dedicar-se à pesca hoje com tranquilidade, na expectativa da recuperação de sua terra, nos povoados dos posseiros vive-se um nervoso compasso de espera. Ali, sempre se conviveu com a instabilidade — eles sabem que vivem em terras do governo, que não têm direito sobre ela. Mas desde o ano passado, quando a Funai deixou de cobrar o imposto sobre os pequenos rebanhos que mantêm em território indígena da ilha, passaram a conviver com a iminência de sua expulsão.

Porto Piauí, no meio da ilha, às margens do Javaés, um dos maiores povoados de posseiros, está parado no tempo, à espera do fim. Desde o ano passado, algumas pessoas partiram, por iniciativa própria. Os que ficaram não gostariam de ter que ir embora. "Só saio obrigado ou se o governo der proteção", afirma João Araújo Costa, maranhense de Riachão, 79 anos de idade, há 30 na ilha. Lá ele tem umas 100 cabeças de gado e uma casa. Papel que garante qualquer propriedade não tem não. O que tinha era o direi-



Antonio e João Araújo: esperando a hora da desocupação

belecer. "Vim andando atrás da vida", ele conta, bem-humorado. Quando chegou à ilha, já sabia que não podia ter terra lá. "Mas o povo sempre acha que terra do governo é de quem não tem", diz ele. O fato de lá não haver direito de propriedade permitiu que ele chegasse a ter suas cabeças de gado e conseguisse ficar até hoje. "Para quem é pobre, aqui é o melhor lugar para se viver", diz ele.

O gado dos posseiros tem capim verde durante toda a estação das secas. Na época das chuvas, fica em cima das áreas mais altas e come dentro d'água, no varjão.

Todos ali também têm um chiqueiro com porcos e fazem uma rocinha de milho e arroz, mas coisa pouca. "Não fazemos pescaria, roça grande nem queimada. Nós conservamos a ilha, não estragamos", afirma Odilon Carvalho Andrade, um dos moradores mais antigos, há 37 anos na ilha. Nos últimos anos, já sob a ameaça da expulsão, uma associação de posseiros tratou de impedir as queimadas e derrubadas. Por isso Odilon diz convieto que "o que estraga a ilha são as caravanas de pescadores vindos de fora e os retirceiros", diz ele. Afirma também que os moradores do povoado e os índios vivem em boa paz. Odilon diz que agora só está esperando "o que a lei

manda", a desocupação, e torcendo para que o governo, quando cumprir a promessa de assentá-los em outra região, consiga terra com boa localização e fertilidade, em que seja possível viver em condições mais ou menos parecidas às da ilha. Se isso não acontecer, não haverá outra saída para eles a não ser voltar a correr "atrás da vida", até encontrar uma nova parada.

**Campos e matas na paisagem**

No meio do caminho entre os dois grandes ecossistemas brasileiros, a floresta Amazônica e os cerrados, a ilha do Bananal tem uma vegetação mesclada de espécies dessas duas origens. É uma zona de transição, um ecotono, no vocabulário dos ecologistas e biólogos, e esta é a mais importante razão para que seja preservada.

A ilha é uma grande planície de inundação onde as maiores elevações não passam de 200 metros de altitude. A parte mais alta está ao norte, onde fica o Parque Nacional do Araguaia. Os campos, típicos dos cerrados, caracterizam a maior parte da paisagem, mas há densas florestas de aspecto amazônico e vastos varjões inundáveis cobertos com gramíneas altas. Os movimentos ambientalistas estão reivindicando à ONU o reconhecimento da ilha como "reserva mundial da biosfera". Seria uma forma de dar força à proteção desse ecossistema único, tão ameaçado hoje pelas invasões de rebanhos e retirceiros.

PRESERVAÇÃO

javaés chamam os brancos, que pouco lhes trouxe de positivo. Há 20 anos havia 56 aldeias de índios na ilha, hoje só restam 12, lembra Amilton Jerônimo, superintendente da Funai na região. Carajás e javaés perderam boa parte de suas áreas tradicionais, aprenderam com os brancos o alcoolismo e receberam muitas doenças e pouca assistência. Os javaés da aldeia Canoaná ainda mantêm costumes tradicio-